

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Edição especial comemorativa do 10º aniversário
da Escola Superior de Educação

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Presidente do IPG

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 220 111* Fax (071) 222690

Composição
Centro de Audiovisuais e Publicações

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XX* Setembro de 1997

Edição especial comemorativa
do 10º aniversário da Escola Superior de Educação

Capa: Vista parcial do edifício da ESE

APRESENTAÇÃO

A Escola Superior de Educação da Guarda está a comemorar dez anos de existência com várias actividades culturais. Com esta idade, a E.S.E. tem uma vida ainda muito curta em comparação com os cerca de setecentos anos da prestigiada Universidade de Coimbra.

Esta efemeridade é ocasião para repensar o tempo passado que só existe enquanto presente e visionar o futuro que se quer já actual.

Com dez anos, a Escola tem forçosamente o sonho e a inquietação da sua juventude, procurando caminhos, alimentando esperanças, correspondendo às necessidades dos jovens ávidos de cultura e de progresso. Numa audácia prudente e numa inquietação apoiada, a Escola vai crescendo de modo persistente entre crises que para os jovens nunca são um fim, mas um eterno começo.

Este crescimento tem-se operado de modo quantitativo e qualitativo. Ao longo destes anos aumentou o número de alunos e logicamente de professores. A grande preocupação está na procura da qualidade do ensino, na motivação intelectual dos estudantes, na formação dos docentes, a que se pede um esforço continuado de actualização científica e pedagógica.

Nesta evolução procurou-se corresponder aos anseios dos jovens, às exigências do tempo, às necessidades das instituições económicas e sociais. Por estas razões a E.S.E., continuando a formar professores, voltou-se para o meio comercial e empresarial, criando alguns cursos de reconhecida utilidade pública. Nesta visão pragmática, os responsáveis nunca deixaram de conjugar o regional e o nacional, sem esquecer a experiência e a vitalidade de algumas instituições da vizinha Espanha.

Durante estes anos foram estabelecidas relações com outras escolas superiores, com evidentes benefícios para uma visão mais alargada e uma abertura a novos horizontes. Deste modo se vão consolidando as estruturas, criando uma melhor consciência das responsabilidades científicas e educativas.

Inserida na região da Guarda, a E.S.E. não pode esquecer as instituições culturais, sociais, económicas e tradicionais das

Beiras, transmitindo os seus valores e recriando a memória. Por outro lado está atenta às pessoas, valorizando a formação complementar e contínua em vários ramos do saber, com particular atenção aos professores da Guarda e regiões mais próximas. De todos os que trabalham nesta Escola, há que destacar os alunos, razão essencial de todas as preocupações e anseios. Eles vêm de todo o país para subir à Guarda, subindo durante alguns anos na cultura, na formação e numa esperança sustentada pelo esforço individual e colectivo.

Nesta Escola que está de certo modo ainda no começo de uma vida que se deseja longa, não se tem descurado a investigação científica de que há belos exemplos com trabalhos individuais de professores e de alunos. A testemunhar esta inquietação intelectual está sobretudo a Revista *Educação e Tecnologia* que se tem mantido com a valiosa colaboração dos docentes e uma impressionante regularidade.

Apesar de todas as dificuldades a Escola Superior de Educação da Guarda vai trilhando o seu caminho que, se faz ao caminhar, com uma esperança efervescente, ainda que oscilante.

José Júlio Esteves Pinheiro
Manuel Carvalho Prata
António M. Matoso Martinho

LITERATURA E SOCIEDADE

José Júlio Esteves Pinheiro*

A literatura e a sociedade têm vivido indissociáveis, pois o escritor procura fundamentalmente retratar o homem. Esta convivência foi mais acentuada a partir do século XIX, com as correntes realistas e neo-realistas. Sabemos que a literatura só tarde se diferenciou como saber autônomo de outras ciências com as quais tinha profunda relação, sobretudo a História, a Filosofia e a Religião. Talvez este facto tenha contribuído para uma visão aprofundada da literatura, levando os críticos a debruçarem-se sobre as circunstâncias e os agentes literários. Se o autor sempre mereceu especial atenção, procurando saber a sua formação, índole, profissão, o leitor só mais tarde mereceu a devida consideração, especialmente a partir da revolução industrial. Foi ainda posteriormente que se consolidou o estatuto do leitor com a profusão do livro e da publicação das edições de bolso. Tendo que obedecer a determinados critérios, tipos e anseios as obras que passaram a ser denominadas por paraliteratura tinham que ser marcadas por uma grande facilidade de leitura e forte sedução sobre o leitor.

O povo que tinha tido ao seu dispor a literatura oral e mais tarde a literatura de cordel, presente nas feiras, tinha agora possibilidades de ler um livro, o seu livro.

Esta difusão criou outros problemas como seja a fabricação, a distribuição e as vendas. Foi todo um conjunto de fenómenos humanos e questões materiais que se tornou presente com exigências então ignoradas e estudos apoiados no contributo das ciências sociais.

As análises das relações da literatura com a sociedade não são só de agora, embora ultimamente tenham adquirido outra dimensão, a que não é alheia a perspectiva que envolve o leitor.

Madame Staël, vivendo entre a cultura alemã e a francesa soube comparar o norte e o sul, prescutar os grandes temas das literaturas europeias. Um dos seus livros mais célebres foi *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*.

Por esse tempo o positivista Taine fala de *race, milieu, moment*, estabelecendo uma relação profunda entre estes três factores interpenetrantes. Se a pessoa é construtora do seu meio, não deixa também de ser um efeito do espaço e do tempo que lhe é dado viver.

Já neste século começam a vigorar ideologias fundadas nas teses de Marx e Engels, valorizando a sociedade em detrimento do indivíduo. Um dos expoentes destas coordenadas de pensamento é Jean-Paul Sartre que em 1948 publica *Qu'est-ce que la littérature*⁽¹⁾.

Um pouco nesta linha de pensamento de Sartre aparece Luckács. Para este marxista a obra literária é um reflexo da condição humana e o romance reflecte bem a sociedade burguesa. O essencial é que toda a obra possa reflectir o homem com os seus

(1) - Sartre *Qu'est-ce que la littérature*. Paris, Gallimard, 1948. O autor escreve três capítulos fundamentais: *Qu'est-ce qu'écrire; Pourquoi écrire; Pour qui écrit-on*, concluindo com uma análise do escritor em 1947 que nos dá uma perspectiva dos grandes escritores dessa época, comparando por vezes o seu modo de vida com a vida de escritores de outros países.

grandes problemas, que a literatura revele um real valor humanístico. Em 1964 escrevia que *o estudo apaixonado da substância humana, do homem forma parte da essência de toda a literatura.*

O seu discípulo Goldmann desloca a sua visão da temática das obras literárias para as estruturas, sobretudo para as estruturas genéticas. Para ele a inserção numa estrutura mais vasta é um processo de explicação ⁽²⁾.

Outros críticos seguem sensivelmente formas de pensar de raiz marxista, embora com certa personalização como Plejanov e Gramsci.

Esta relação da literatura com a sociedade já merecera um capítulo a René Wellek e Austin Warren.

Os autores percorrem vários tempos, referem múltiplos escritores para terminarem com judiciosas considerações sobre o marxismo, concluindo que apesar de todas as relações a literatura *tem justificação e objectivo específicos* ⁽³⁾.

Robert Escarpit é uma referência obrigatória quando se aborda a problemática da sociologia da literatura. No seu livro bem conhecido *Sociologie de la littérature* aborda os temas fundamentais. Começando por se interrogar sobre as razões de uma sociologia da literatura e os modos de abordar a literatura, o autor estuda o escritor situado no seu tempo com gerações e escolas. Merece-lhe especial atenção o escritor na sociedade para depois fazer uma síntese sobre a publicação e a distribuição. Os últimos dois capítulos são dedicados à obra e o público, e à leitura e a vida⁽⁴⁾. Num outro estudo fundamental Escarpit alarga as suas considerações notando que *em 1970 plus de la moitié des livres littéraires parus dans le monde sont écrits et lus par dix millions*

(2) - Ver María Victoria A. Vicente *Diccionario de términos literarios*, Madrid, Akal, 1990, p. 133. Uma das obras mais significativas de Lucien Goldmann é *Pour une sociologie du roman*, Paris, Gallimard, 1964.

(3) - René Wellek e Austin Warren. *Teoria da Literatura*, Lisboa, Europa América, s/d' p. 133.

(4) - Ver Robert Escarpit. *Sociologie de la littérature*, Paris, PUF, 1958

d'intellectuels européens (URSS non comprise), soit le 3 ième de la population mondiale ⁽⁵⁾.

É de notar que nos anos referidos a URSS era o maior editor de livros na Europa, lugar que mantinha em 1978 segundo dados da UNESCO que sintetizamos: Títulos publicados: URSS 85395; Alemanha Federal 44477; Japão 43973; Grã-Bretanha 34340; França 29371. Quanto a gastos por habitante na compra de livros lidera a Bélgica, seguida da Holanda, França e Alemanha.

Multiplicam-se os estudos da autoria quer de historiadores literários quer de analistas. Gustave Lanson estuda as relações do indivíduo com o autor e interroga-se sobre aspectos das edições, prestando atenção ao que se afirma sobre a literatura como reflexo do social numa perspectiva marxista⁽⁶⁾.

Pierre Marcherey interessa-se fundamentalmente pela questão da produção com as incidências económicas e sociais que lhe são próprias⁽⁷⁾.

Idêntica preocupação levou as editoras, as escolas e outras instituições de carácter formativo a fazer inquéritos. Estamos em 1966, na Bélgica e Edouard Breuse interroga-se sobre o tipo de leituras preferidas pelos adolescentes e seus pais. Foram estas as modalidades literárias mais referidas num inquérito: romances psicológicos 52%; romances de aventuras 14%; romances policiais 7%, obras em verso 5%; biografias 3% Depois de acentuar a importância avassaladora do romance, Breuse concluiu: *il est reconfortant de constater que la lecture occupe une place de choix dans les occupations juveniles* ⁽⁸⁾.

Repetem-se os inquéritos, os estudos que por vezes pecam por falta de objectividade. É muito fácil uma pessoa acabar por se analisar a si própria, querendo analisar os outros. Uma outra

(5) - Robert Escarpit. *Le littéraire et le social*, Paris, Flammarion, 1970, p. 21.

(6) - Gustave Lanson. *L'Histoire littéraire et la sociologie: essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*. Paris Hachette 1965

(7) - Pierre Macherey, *Pour une théorie de la production littéraire*, Paris, François Maspero, 1966

(8) - Edouard Breuse. "La lecture et les adolescents", in *Cahiers JEB*, 10^{ème} année, n.º3, Septembre, 1966, p 188-189.

tendência é tentar tornar absolutas certas causas, quando os jovens são uma construção, uma saída de um mundo para entrar num outro. Educar quer dizer etimologicamente sair para fora. Neste movimento os adolescentes podem acabar por ser submetidos no plano económico, jurídico, político, pedagógico, social. *Culturellement aussi, l'enfant est, aliéné* (9).

Os jovens estiveram sempre na preocupação dos educadores e editores, sabendo que as edições de obras para crianças e adolescentes são fundamentais para o sucesso económico duma empresa. Os adultos pelas suas renovadas motivações e exigências, como leitores, despertaram a curiosidade sobretudo no mundo alemão, com vários analistas, entre os quais o bem conhecido Hans Robert Jauss. É ele que estuda a problemática da recepção de forma sistemática e fundamentada chamando a atenção para a importância do leitor como último elo que começa no autor, passando pelo editor, distribuidor e vendedor (10).

Um ano depois, em Itália, aparece uma obra de Umberto Eco a que deu um título sugestivo e valorizante do leitor (11).

Para Eco há que tentar ser leitor modelo e ter em conta que *um texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo generativo*. É que o texto prevê o leitor e o leitor irá depois completar o texto (12).

A sociologia da literatura faz agora parte de todas as metodologias literárias, de obras de iniciação à arte das letras, respondendo deste modo às questões dos leitores e dos editores. Trata-se de uma literatura *que tem como protótipo do receptor o homem médio, de interesses médios e médias aspirações* (13).

(9) - Pierre Massat, "Littérature et parallittérature, l'étude de la littérature enfantine et juvénile" in *Revue internationale des Sciences Sociales*, vol. XVIII, 1976, n° 1

(10) - Hans Robert Jauss. *Pour une esthétique de la réception*. Paris, Gallimard, 1978

(11) - Umberto Eco. *Lector il fabula, la cooperazione interpretativa nei testi narrativi*. Milano, Bompiani, 1979.

(12) - Trad portuguesa. *Lectura do texto literário lector in fábula a cooperação Interpretativa nos textos literários*. Lisboa, Edlit, Presença, 1983, p. 57.

(13) - Salvatore F. di Zenso e Pietro Pelosi. *Metodologia e técnicas literárias*. Lisboa, Europa-America, s/d

Para além dos aspectos económicos e industriais aparecem também outras questões sobre o consumidor, os novos valores, os novos mitos, a ocupação dos tempos livres. O real e o imaginário são analisados nas suas últimas interpenetrações.

O campo da reflexão alargou-se a outros domínios adjacentes, englobando a história das ideias e das mentalidades e a psicologia cujos processos são utilizados para um aprofundamento do fenómeno literário ⁽¹⁴⁾.

Em Portugal é após a revolução de 1974 que se desenvolvem os estudos da Sociologia da literatura, sobretudo com os seminários orientados por Jacinto do Prado Coelho na Faculdade de Letras de Lisboa. Daí resulta uma publicação colectiva em que colaboram docentes do Departamento de Línguas e Literaturas, focando vários aspectos. A nós interessou especialmente o Inquérito à leitura de alunos do curso preparatório e secundário⁽¹⁵⁾.

Fernando Guedes volta-se para o passado, para os séculos XVIII e XIX, tentando saber *o que se lia no 'último quartel do século XVIII, os livros e a leitura na 1ª metade do século XIX* ⁽¹⁶⁾.

Mais recente e sobre a situação em Portugal da leitura e a obra de Eduardo de Freitas e Maria de Lourdes Lima dos Santos. Afirmam que 53,5% dos portugueses lêem livros, enquanto 46,5% se declaram não leitores ⁽¹⁷⁾.

Duas escritoras muito conhecidas estudaram os hábitos dos jovens para concluírem que lêem mais do que vulgarmente se supõe ⁽¹⁸⁾.

(14) - Maurice Delcroix e Fernand Hallyn (org.) *Méthodes du texte. Introduction aux études littéraires*. Paris, Ducolot, 1987, p. 241 - 313.

(15) - Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Problemática da leitura. aspectos sociológicos e pedagógicos*. Lisboa, INIC, 1980 p. 141-166.

(16) - Fernando Guedes, *O livro e a leitura em Portugal: subsídios para a sua história*. Lisboa, Verbo, 1987.

(17) - Eduardo de Freitas e Maria de Lourdes Lima dos Santos. *Hábitos de Leitura em Portugal. Inquérito Sociológico*. Lisboa, Publicações D Quixote, 1992.

(18) - Ana Maria Magalhães e Isabel Alcada. *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XX*. Lisboa, Editorial Caminho, 1993.

José Machado Pais fixa a sua atenção sobre os habitantes da capital e é de opinião que 54% dos lisboetas raramente lêem livros, enquanto 37,2% nunca lêem, tendo por base um inquérito realizado em Lisboa ⁽¹⁹⁾.

No ano passado apareceu também uma análise à leitura onde se afirma que a *leitura decresce em função da idade e aumenta com a posse de um grau de escolaridade elevado* ⁽²⁰⁾.

Os estudos não param. Os inquéritos nas revistas e jornais são frequentes, ora mais sobre as edições, ora sobre práticas de leitura ⁽²¹⁾.

Os estudos sociológicos têm-se multiplicado ultimamente mercê de vários factores, ajudando a ter uma visão ora parcial, ora generalizada, do fenómeno literário. De um modo genérico podemos dizer que literatura vive paradoxalmente um momento de crise e ao mesmo tempo demonstra uma grande vitalidade.

A crise é bastante generalizada, abrangendo quase todas as modalidades. Vários factores tem contribuído para tal situação. Nota-se frequentemente uma relação conflituosa tecida de contradições entre o autor, o leitor e o produtor. A literatura não é mais o que deve ser, mas o que tem que ser, por imposição de poderosos factores de ordem social, política e sobretudo económica. Junte-se a tudo isto uma forte mudança de valores, incluindo os morais, o que origina um tratamento diferente de temas pouco habituais na literatura tradicional. Os valores antigos de honra, dignidade e respeito que estavam no âmago das obras imortais de Cervantes ou Lope de Vega cederam o seu lugar a outros ou simplesmente deixaram de existir. Perdeu-se o sentido das coisas e da existência, movimentando-se as personagens entre o desespero e o absurdo como acontece nas obras de Camus, Ionesco, Arrabal ou Becket. Não se encontra de forma explícita

(19) - José Machado Pais (coord.), *Práticas culturais dos lisboetas*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994

(20) - Cristina Avelino e Francine Arroso, *Leituras preliminares, abordagens paratextuais da obra íntegra*. Lisboa, Plátano, 1994, p. 2 e 3.

(21) - Recordemos, por exemplo de Célia Rosa "Guerra do livro, editores, livreiros e hipermercados não se entendem". In *Diário de Notícias, Notícias Magazine*, n.º 139, suplemento do D. N. de 22/1/1995, n.º 45960.

uma mensagem, uma lição exemplar como acontecia nas efabulações medievais e na própria epopeia camoniana. O leitor tem dificuldade em entrar em atitude dialogante.

Tal facto provoca uma legibilidade nada fácil, pois a ruptura entre os temas e a própria estrutura frásica é cada vez mais acentuada. Certas modalidades literárias revelam-se muito oscilantes, não apresentando sinais, não revelando pistas que tornem o texto abordável a leitores médios, ou despreocupados.

Perante estes factores a escola não consegue transmitir o gosto de ler e criar um contacto dinâmico com as obras fundamentais da literatura universal. A seu lado, os meios de comunicação social, que poderiam e deveriam complementar um saber que fosse gosto de descoberta, fazem com que os jovens consumam imensas horas consumindo-se a si próprios em espaços sem horizontes e em tempos que não chegam a ser um tempo interiorizado.

Talvez esta crise, recordando o duplo significado da palavra em grego, seja um começo, uma vitalidade já anunciada.

Vários factores estão a contribuir para esta nova literatura rejuvenescida.

Notemos, antes de mais, que a literatura adquiriu um estatuto próprio, utilizando a ficção como a única e profunda expressão do real que não se pode exprimir por palavras. Os meios de comunicação social, especialmente o cinema e a televisão, obrigaram os autores a procurarem novas técnicas, a utilizarem novos processos estéticos, a criarem novas formas de comunicação adaptadas aos fins ambicionados.

Renovaram-se também os géneros tradicionais, sobretudo na forma de tratar o tempo, de configurar as personagens, de valorizar o leitor. Todos estes factores fizeram que se revigorassem os estudos literários há muito adormecidos. Procura-se o sentido das ausências, valoriza-se a intertextualidade, dá-se uma outra dimensão a conceitos envelhecidos. Infelizmente, nem sempre se procurou a

simplicidade preferindo uma linguagem hermética, pouco atractiva.

O livro continua a ser o confidente, o conselheiro, o informador, o amigo para muitos leitores ávidos de satisfazer as suas exigências pessoais de informação, cultura, sonho e aventura. O autor conhece estas situações e por isso escreve para o leitor possível, como testemunha a atitude de Paulo Coelho, conhecido escritor brasileiro com sucesso mundial. As editoras multiplicam-se, escolhendo, produzindo, distribuindo as obras, sem se esquecerem de as promover, de modo que o leitor seja informado rapidamente e tenha acesso ao que se produz.

A sociologia da literatura revela-se como uma ciência muito válida neste tempo conturbado de crise e de dinamismo, de criatividade e de novas exigências a vários níveis, quer estéticos, quer comerciais.